

# O SENTIDO PRODUZIDO PELO VERBO AUXILIAR/CÓPULA ANDAR EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Roberlei BERTUCCI<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este trabalho se propõe a analisar a contribuição semântica de *andar* para o sentido das sentenças em que ocorre nos contextos de auxiliaridade e cópula. Tomando por base noções relativas ao modo como tempo e aspecto são expressos nas línguas naturais, procuramos associar a *andar* o papel de verbo de aspecto gramatical, que relaciona o momento de referência e o momento de evento em uma dada sentença. Assumimos, aqui, que *andar* requer um momento de referência durativo e essa exigência tem feito com que pesquisas anteriores concluíssem que o papel desse verbo, nos contextos aqui discutidos, fosse o de marcar a duração/iteração do evento em si. No entanto, como deixamos claro neste trabalho, sentenças como *A raposa andou matando uma galinha* são aceitáveis em português brasileiro, sem que seja possível se atribuir a ela a descrição de um evento durativo. Assim, vamos defender que a duração é relativa ao momento de referência e não ao evento em si.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aspecto verbal. Verbos auxiliares. Duratividade. Iteratividade.

## Introdução

Neste trabalho, nosso objetivo principal é investigar a contribuição semântica do verbo *andar*, para o sentido das sentenças em que ocorre como

---

<sup>1</sup> Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). *E-mail:* bertucci@utfpr.edu.br

verbo auxiliar ou de cópula em português brasileiro (doravante PB). As sentenças em (1) trazem alguns exemplos.

- (1) a. João anda trabalhando na oficina.  
 b. João andou jogando bola.  
 c. João anda/andou triste.

Nesse sentido, nossa intenção é identificar o sentido produzido pelo verbo *andar* em tais ambientes, já que um falante do PB considera que as sentenças em (1) são diferentes daquelas em (2), que não apresentam o referido verbo.

- (2) a. João trabalha na oficina.  
 b. João jogou bola.  
 c. João está/estava triste.

Para atingirmos nosso objetivo, durante todo o trabalho, mostraremos uma série de contextos em que esse verbo aparece como *auxiliar*, ou seja, seguido de gerúndio, como em (1a-b), ou de cópula, como em (1c), verificando as possíveis restrições de ocorrência.

Antes de tudo, porém, é importante observarmos a compatibilidade de *andar* com noções tradicionais de auxiliaridade. Em outras palavras, queremos mostrar que ele é um verbo auxiliar, como outros, seguindo alguns critérios específicos. Não vamos, aqui, refazer todas as questões relativas ao tema, por razões de espaço e escopo do trabalho, mas pretendemos oferecer uma noção que possa ter efeito sobre o caso do verbo discutido aqui. E, ainda que nos textos originais os critérios possam ter detalhes mais específicos, vamos nos concentrar nos aspectos mais gerais. Em primeiro lugar, Pontes (1973) e Perini (2001) defendem que os verbos auxiliares não participam da escolha de argumentos, que fica a cargo do verbo principal. Vemos em (3-5), a seguir, que *andar* aparece com diferentes sujeitos e que a restrição em (4) se deve ao fato de o sujeito ser incompatível com *ler o livro* e não com *andar*, de modo que (5) confirma essa afirmação.

- (3) a. João leu o livro.  
b. João andou lendo o livro.
- (4) a. #A pedra leu o livro.  
b. #A pedra andou lendo o livro.
- (5) a. A pedra caiu.  
b. A pedra andou caindo.

No caso de (4), há uma restrição semântica feita pelo núcleo do sintagma verbal (VP), que seria *ler*, em relação ao tipo de sujeito a ser aceito na sentença (MIOTO; SILVA; LOPES, 2004). No entanto, *andar* não participa dessa restrição, de modo que ele passa nesse critério de auxiliaridade.

Em segundo lugar, Pontes (1973) afirma que verbos auxiliares não mudam de posição quando há alteração de voz da sentença. Vejamos o caso da alteração de voz das sentenças em (3), nos exemplos em (6), a seguir.

- (6) a. O livro foi lido pelo João.  
b. O livro andou sendo lido pelo João.

Os exemplos acima demonstram que a alteração de voz não altera a posição de *andar*, que é sempre a primeira em uma sequência verbal.

Finalmente, Longo e Campos (2002) defendem que a indissociabilidade é um critério fundamental para se identificar um verbo auxiliar. Para as autoras, em uma perífrase (ou locução), o verbo será auxiliar se formar com o principal um todo indissociável, de modo que a divisão acarrete numa sentença ruim. Nesse sentido, o verbo *sonhar*, em (7a), não é um verbo auxiliar, porque não forma um todo com o verbo que o segue, o que pode ser observado em (7b). Por outro lado, os exemplos em (8) mostram que *andar*, sim, forma um todo indissociável com o verbo que o segue, de modo que a divisão proposta em (8b) não forma uma boa sentença.

- (7) a. João sonhava trabalhar na oficina.  
 b. João sonhava que trabalharia na oficina.
- (8) a. João andava trabalhando na oficina.  
 b.\*João andava que trabalharia na oficina.

Se tais testes mostram que *andar* pode ser classificado como auxiliar, o restante do trabalho deve se dedicar à investigação do sentido atribuído à sentença por esse verbo. Na primeira parte do trabalho, mostraremos a noção de aspecto que assumiremos aqui, apresentando uma divisão importante entre aspecto gramatical e aspecto lexical. Além disso, apresentaremos algumas análises da literatura sobre a perífrase com *andar* em PB, especialmente de Castilho (1967), Travaglia (2006) e Cavalli (2008), e, em espanhol, com Laca (2006). Nossa intenção é mostrar, sobretudo, que esse verbo não se restringe ao aspecto imperfectivo e à noção de iteratividade, como defendem os trabalhos em PB, nem parece ser um operador de distribuição de eventos, para o espanhol, como defende Laca (2006).

Na segunda parte, tomaremos tanto as possibilidades de ocorrência quanto as restrições descritas nas seções anteriores para levantar a hipótese de que a contribuição que *andar* oferece para o sentido de uma sentença reside no fato de ele inserir o momento de evento (ME) de uma situação em um momento de referência (MR) durativo. Com isso, a noção de duração que parece persistir nessa perífrase parece vir do fato de *andar*, como verbo de atividade, ser mais compatível com MRs durativos e ter restrições com MRs pontuais. Sendo assim, as sentenças com esse verbo parecem suspender qualquer pontualidade ou especificidade de ocorrência da situação em um MR pontual. Logo após, apresentamos nossas conclusões.

## **Andar: aspecto e iteratividade**

Nesta seção, trataremos de questões relativas às noções de aspecto. Isso é importante porque uma série de trabalhos sobre *andar* classificam a perífrase com esse verbo de perífrase iterativa, afirmando que iteratividade é uma noção aspectual. Aqui, vamos apresentar a noção de aspecto que assumiremos e que nos fará rejeitar esse rótulo à perífrase em questão e, mais especificamente, ao verbo *andar*, o que inclui os casos em que aparece como verbo de cópula.

### **Aspecto gramatical**

O termo *aspecto* vem de uma tradição de pesquisas sobre as línguas eslavas, pois nelas a maioria dos verbos tem marcas morfológicas que distinguem os aspectos perfectivo e imperfectivo, o que contribuiu para que essas categorias se tornassem modelos de análise sobre o tema em outras línguas (COMRIE, 1976; SMITH, 1997; WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006

A partir disso, Comrie (1976, p. 3) define aspecto (gramatical) como “diferentes maneiras de visualizar a constituição temporal interna de uma situação”. Partindo dessa noção, o autor diz que o aspecto perfectivo “olha do lado de fora da situação, sem distinguir, necessariamente, sua estrutura interna”, e o aspecto imperfectivo “olha do lado de dentro da situação e, como tal, diz respeito à estrutura interna da situação” (COMRIE, 1976, p. 3-4). Para Comrie (1976), a Aktionsart (aspecto lexical) é uma indicação das propriedades temporais intrínsecas de uma situação descrita por um predicado, por exemplo, uma indicação sobre a duratividade, a pontualidade, a telicidade ou a atelicidade de uma situação. O aspecto lexical será visto na próxima seção.

Seguindo a perspectiva de Comrie, Smith (1997) assume que há basicamente duas informações aspectuais numa sentença: o aspecto gramatical

(ou *viewpoint aspect* ‘aspecto do ponto de vista’) e o aspecto lexical (ou *situation aspect* ‘aspecto da situação’). O primeiro – seguindo o que mostramos acima em relação a Comrie (1976) – é a maneira pela qual um falante escolhe descrever um evento, chamado de “ponto de vista da situação”. É por esse aspecto que se expressam informações relativas ao início, ao desenvolvimento ou ao fim de uma eventualidade. Há basicamente dois pontos de vista: o perfectivo e o imperfectivo. Quando o falante escolhe o primeiro, ele descreve uma situação por completo, i.e., com seu começo, meio e fim; quando escolhe o segundo, ele descreve uma parte da situação, i.e., ou o começo, ou o meio, ou o fim. É essa perspectiva que encontramos na literatura que descreve as perífrases em PB, especialmente em Castilho (1967), Travaglia (2006) e Cavalli (2008).

O aspecto gramatical pode ser expresso por fatores como a morfologia ou por outros elementos gramaticais na língua, como as perífrases (TRAVAGLIA, 2006; WACHOWICZ; FOLTRAN, 2006). Em PB, por exemplo, o perfectivo pode ser expresso pelo morfema -ou, em amou, e o imperfectivo pelo morfema -ava, em amava, ou pela perífrase estar+gerúndio, em está amando.

Em estudo sobre o PB, Castilho (1967) considera que aspecto é uma categoria que expressa a duração da ação verbal. Em Castilho (2002), o autor já destaca o valor lexical dos verbos, mas considera igualmente importantes fatores composicionais, como o tipo de objeto ou de adjunto que ocorre na sentença, o que será decisivo para a noção aspectual da sentença. As definições sobre perfectivo e imperfectivo que encontramos em Smith (1997) e Castilho (1967) são parecidas, já que, para este autor, “se a ação verbal indica duração, temos o aspecto imperfectivo; se uma ação cumprida, contrária à noção de duração, o aspecto perfectivo” (CASTILHO, 1967, p. 14).

A partir da noção de perfectividade como complemento da ação, Castilho (1967) assume que o aspecto perfectivo mostra a ação verbal em sua completude, sem enfocar o início, o desenvolvimento ou o término dela. Por outro lado, o imperfectivo “indica a duração pura e simples e comporta três variantes,

conforme se conheçam o começo (inceptivo), o fim (terminativo), ou se ignorem ambas as coisas (cursivo)” (CASTILHO, 1967, p. 52). Isso levará o autor a assumir que uma série de perífrases verbais, como *andar*+gerúndio, expressam o aspecto gramatical, mais especificamente o imperfectivo, porque enfocam uma parte específica da eventualidade e não ela toda.

Tal diferenciação entre esses tipos de aspecto se mantém em Castilho (2002, p. 96), em que ao imperfectivo é atribuída a propriedade de “compreender fases”, enquanto ao perfectivo é atribuída a propriedade de apresentar “a predicação em sua completude, sem qualquer menção a fases” (CASTILHO, 2002, p. 102). Também nesse trabalho o autor apresenta o aspecto iterativo, definido como uma “quantificação do imperfectivo e do perfectivo” não se tratando de outro tipo aspectual (CASTILHO, 2002, p. 106), mas de um subtipo dos outros. E é nesse (subtipo de) aspecto que Castilho (2002) insere a perífrase *andar*+gerúndio. Dessa forma, percebemos que a inserção de *andar*+gerúndio como um subtipo aspectual e indicador de iteratividade se mantém nos dois trabalhos de Castilho.<sup>2</sup>

Mas o aspecto nem sempre parece ser uma escolha subjetiva relacionada ao ponto de vista e uma postura crítica com relação a essas definições da noção de aspecto é apresentada em Klein (1994).<sup>3</sup> Em seu trabalho, o autor afirma que algumas definições sobre aspecto encontradas na literatura – a de Comrie (1976), por exemplo – são metafóricas e não capturam o que de fato

<sup>2</sup>Agradecemos a um parecerista anônimo desta revista que sabiamente nos indicou a necessidade de trazermos a este artigo algumas contribuições e revisões do trabalho de Castilho (1967) feitas em Castilho (2002). No entanto, nesta última publicação, o autor não desenvolve com profundidade as questões relacionadas a aspecto ou à perífrase aqui estudada como o faz naquele primeiro trabalho sobre aspecto no Brasil. Além disso, como apontamos um pouco antes, nesta mesma seção, pontos importantes de Castilho (1967) relacionados ao nosso trabalho se mantiveram sem alteração em Castilho (2002). Por fim, o caráter seminal de Castilho (1967) é, para nós, de uma importância singular e, por isso, apresentamos aqui as noções ali discutidas.

<sup>3</sup> Como bem lembrado pelo mesmo parecerista anônimo desta revista, o tratamento do aspecto é algo controverso na literatura, especialmente em perspectivas teóricas diferentes. Por isso, nossa proposta é tanto verificar as contribuições de estudiosos do PB sobre a perífrase aqui analisada, como contribuir com uma perspectiva semântica ainda pouco disseminada no País.

essa categoria expressa nas línguas. Sendo assim, Klein (1994) propõe que *aspecto* e *tempo* sejam noções relacionais, não mais ligadas a um ponto de vista escolhido pelo falante. O autor sugere que a produção de uma sentença envolva intervalos de tempo distintos (momento de fala, momento de tópico e momento da situação) e que tempo e aspecto sejam expressos a partir da relação de simultaneidade, anterioridade e posterioridade entre esses intervalos de tempo (momentos). Vamos, agora, detalhar isso um pouco mais.

Klein (1994) retoma a discussão sobre tempo e aspecto já feita por Reichenbach (1947), em que o autor propunha que tanto tempo quanto aspecto fossem dados a partir da relação entre o momento de fala, o momento do evento e o momento de tópico. Klein (1994, p. 3) desenvolve essa proposta e sugere que “*tempo* pode ser definido em termos de relações temporais, como antes, depois e simultâneo”, e *aspecto*, em termos de “anterioridade, inclusão ou posterioridade, por exemplo. A diferença entre *tempo* e *aspecto* viria dos momentos aos quais estão relacionados”.<sup>4</sup>

Assim, Klein (1994) propõe que tempo e aspecto sejam pensados a partir de três momentos diferentes: o momento de tópico (TT), que é o momento sobre o qual o falante faz a asserção; o momento de fala (TU), em que o falante pronuncia a sentença; e o momento da situação (TSit),<sup>5</sup> que corresponde à parte infinitiva da sentença, e por isso se diz que ele é o momento relacionado ao evento em si.<sup>6</sup> Neste trabalho, vamos utilizar MR, MF e ME nos lugares de TT, TU e TSit, respectivamente, porque são expressões mais comuns na literatura sobre o assunto.

<sup>4</sup> Em PB, um trabalho que retoma as ideias de Reichenbach é o de Ilari (1997).

<sup>5</sup> TT é o equivalente a *Topic Time*, TU, a *Time of Utterance*, e TSit, *Time of the Situation*, em inglês.

<sup>6</sup> Por clareza de análise, em grande parte dos nossos exemplos, padronizaremos que a oração principal contém ME e a oração subordinada temporal é quem vai inserir o MR. Em alguns casos, no entanto, o MR pode ser dado também por uma simples expressão de tempo como às 10h, *hoje*, *ontem* ou *amanhã*, ou ainda pelo contexto. Vale lembrar ainda que “momento” não significa instante e pode se referir tanto a um instante quanto a um intervalo longo de tempo.

Klein (1994) defende que o tempo de uma sentença é dado pela relação entre seu MR e seu MF – no caso das sentenças em (9), o MF é o momento em que a sentença é proferida e o MR é o momento em que o falante chega (ou é dado por *neste momento*). Quando o MR é anterior ao MF ( $MR < MF$ ), a sentença descreve um evento no passado (9a); quando o MF está incluído no MR ( $MF \subseteq MR$ ), a sentença é descrita no presente (9b) e, quando o MR é posterior ao MF ( $MR > MF$ ), a sentença é descrita no futuro (9c).

- (9) a. Quando eu cheguei, a luz *estava acesa*. (*passado*)  
b. Neste momento, a luz *está acesa*. (*presente*)  
c. Quando eu chegar, a luz *estará acesa*. (*futuro*)

Quanto ao aspecto, Klein (1994) afirma que ele é uma relação entre o MR e o ME de uma sentença. Vamos apresentar as duas principais relações: se o MR está incluído no ME ( $MR \subseteq ME$ ), temos o aspecto imperfectivo (10a); se o ME está incluído no MR ( $ME \subseteq MR$ ),<sup>7</sup> temos o perfectivo (10b).

- (10) a. Quando eu cheguei, a Maria *jantava*. (*imperfectivo*)  
b. Depois que eu cheguei em casa, a Maria *jantou*. (*perfectivo*)

As orações adverbiais de tempo (*Quando/Depois que eu cheguei*) indicam o MR. Em (10a), a situação *Maria estar jantando* é descrita como um evento que contém o MR ( $MR \subseteq ME$ ), ou seja, o ME começa antes e termina depois do MR. Sendo assim, a situação é descrita com o aspecto imperfectivo/progressivo (*estava jantando*). Em (10b), ao contrário, o ME *Maria jantar* está contido no MR ( $ME \subseteq MR$ ), i.e., o evento de *Maria jantar* acontece dentro do intervalo de tempo em que o falante já está em casa, por isso o aspecto perfectivo (*jantou*).

---

<sup>7</sup> Klein (1994) propõe que a relação seja: o MR está parcialmente incluído no ME ( $MR \text{ AT } ME$ ), i.e., o MR pode estar parcialmente antes ou parcialmente depois do ME ou mesmo incluí-lo totalmente (conforme representamos). A representação que demos acima não traz, no entanto, nenhum prejuízo ao que nos propomos discutir aqui.

Tomando como base a relação entre momentos (intervalos de tempo) envolvidos na descrição de eventos, nas sentenças das línguas naturais, Klein (1994) oferece uma proposta mais clara do que sejam o perfectivo e o imperfectivo. Essa proposta, aliás, nos faz tirar *andar*+GER do rol das perífrases que expressam o imperfectivo, já que pode aparecer tanto com morfologia de imperfectivo (11a), quanto com morfologia de perfectivo (11b). Tal fato se coloca como obstáculo às análises já realizadas por Castilho (1967), Travaglia (2006) e Cavalli (2008).

- (11) a. Durante a festa, João andou reclamando da Maria.  
 b. Antes de se separar dela, o João já andava reclamando da Maria.

Em (11a), o MR é todo o intervalo de duração da festa, um evento que tem uma duração específica em cada contexto, e o evento de João reclamar da Maria, que é o ME, ocorre dentro do intervalo da festa. Assim fica caracterizado o aspecto perfectivo, inclusive com a marcação de pretérito perfeito para *andar*. Já em (11b), o momento de tópico é expresso por *Antes de se separar dela [Maria]*, oração temporal que inicia a sentença. Ali, a leitura é de que o evento de João reclamar da Maria (ME) já existia antes de mesmo da separação. Dessa forma, assumindo-se a teoria de intervalos de tempo para a noção de aspecto, concluímos que *andar*+GER não expressa exclusivamente o aspecto imperfectivo, conforme sustentado por diferentes autores em PB.

## ***Andar* e o aspecto lexical**

Na seção anterior, indicamos que há basicamente dois tipos de aspecto: um gramatical, que na proposta de Klein (1994) se dá na relação entre o momento de tópico e o momento de evento, e outro lexical, dado a partir das propriedades do predicado em si. É sobre o último que trataremos nesta seção, a fim de verificar se *andar* apresenta alguma restrição com essas classes.

Smith (1997) diz que o aspecto lexical diz respeito aos “tipos de situações”, também conhecidas por *Aktionsart*. Esses tipos de situações são as quatro classes de verbos propostas por Vendler (1957; 1967): *estados*, *atividades*, *accomplishments* e *achievements*. Para autores como Smith (1997) e Wachowicz e Foltran (2006), o aspecto lexical é dado pelo verbo, seus complementos e outros elementos que estejam envolvidos na composição do predicado, ou seja, pelo sintagma verbal (VP). Neste trabalho, ressaltamos que as classes vendlerianas (aspecto lexical) formam uma classe aspectual importante para diferentes análises sobre perífrases em PB, assim como já indicado em Wachowicz (2008).

Rothstein (2004) propõe que as quatro classes de Vendler (*estados*, *achievements*, *atividades* e *accomplishments*) possam ser divididas de acordo com duas propriedades básicas: telicidade e estágios ( $\pm$ télico;  $\pm$ estágios). Para a autora, telicidade está relacionada a uma homogeneidade (ou não) das eventualidades, que pode ser verificada a partir da possibilidade de se somar eventos do mesmo tipo.<sup>8</sup> Eventos atélicos, como *fumar*, podem ser colocados juntos, somados e formar um único evento. Se uma pessoa fumou durante algum tempo, parou um pouco entre uma tragada e outra, depois fumou mais um pouco, podemos somar as suas duas “fumadas” e dizer simplesmente que essa pessoa fumou. Isso ocorre porque há certa homogeneidade em eventos atélicos como *fumar*.

Por outro lado, um evento télico como *escrever um soneto* é diferente: se você escrever um soneto, descansar um pouco, depois escrever um (outro) soneto, não podemos juntar os dois eventos e dizer simplesmente que você escreveu (apenas) um soneto. Nesse caso, dizemos que você escreveu dois sonetos, e a razão disso é que eventos télicos não são homogêneos, não podem ser somados, como são os atélicos.

Rothstein (2004) assume que “ter estágios” é a segunda propriedade capaz de explicar a diferença entre as classes de Vendler. Nós podemos entender

---

<sup>8</sup> Para um detalhamento da teoria de Rothstein (2004) sobre as classes aspectuais, o leitor pode recorrer a Bertucci (2011).

essa propriedade assim: um evento tem estágios se ele tem diferentes subeventos que ocorrem em momentos diferentes.

Outra questão discutida em Rothstein (2004) diz respeito às diferenças entre duas eventualidades atéticas, como *fumar* e *acreditar em uma segunda vida*, chamadas de atividades e estados, respectivamente. As atividades têm estágios, porque têm subeventos (apesar de nem sempre serem facilmente percebidos): na eventualidade de fumar, por exemplo, tragar, “degustar” e expelir a fumaça podem ser considerados, cada um, um subevento de fumar. Quando somamos esses subeventos, temos o que chamamos de “fumar”.

Os estados, por sua vez, são eventualidades sem estágios, pois não possuem subeventos: na eventualidade de acreditar numa segunda vida, não há como identificar momentos diferentes ou partes dela. Ela é homogênea em relação aos seus instantes e não em relação a partes mínimas como as atividades. Logo, não faz sentido se falar de soma de eventualidades estativas.

Assim, com base nas propriedades  $[\pm\text{tético}]$  e  $[\pm\text{estágios}]$ , Rothstein (2004) propõe a seguinte caracterização para as classes de Vendler:

(12) As propriedades das quatro classes de Vendler

Classe	( $\pm$ estágios)	( $\pm$ tético)	Exemplos de eventualidades
Estados	–estágio	–tético	<i>ser alto, acreditar em uma segunda vida</i>
Achievements	–estágio	+tético	<i>entregar uma prova, vender a casa</i>
Atividades	+estágio	–tético	<i>fumar, dançar</i>
Accomplishments	+estágio	+tético	<i>comer três maçãs, escrever um soneto</i>

Seguindo a discussão anterior e o quadro em (12), podemos dizer que uma eventualidade estativa como *acreditar em uma segunda vida* é uma eventualidade sem estágios, já que não possui subeventos: se eu acredito em uma segunda vida, eu não tenho como identificar momentos diferentes ou partes dessa eventualidade. Ao mesmo tempo é uma eventualidade atética, porque é uma eventualidade toda homogênea.

Como os estados, uma eventualidade *achievement* também não têm estágios, já que é instantânea: a entrega de uma prova se dá num momento específico e preciso, sem divisão em partes ou momentos diferentes. No entanto, *achievements* são télicos, portanto, não é possível somar duas eventualidades de entregar uma prova e obter como resultado outra eventualidade de entregar (apenas) uma prova.

As atividades, por sua vez, têm estágios, porque têm subeventos, tal como já observamos com *fumar* acima. Ao mesmo tempo, é atética, porque seu fim não depende do ato de fumar em si, mas do tamanho do cigarro. Finalmente, os *accomplishments* são eventos com estágios, com subeventos e télicos porque têm um ponto final: foi isso o que observamos com *escrever um soneto* acima, cujo ponto final se dá exatamente no quando o décimo quarto verso está pronto.

Na literatura, se observa uma relação bem estrita entre verbos aspectuais e as classes de Vendler (LACA, 2002, 2004; BERTUCCI, 2011). Por isso, é preciso verificar a compatibilidade de *andar* com as referidas classes. Os exemplos a seguir encaminham nossa discussão.<sup>9</sup>

- (13) a. Pedro *anda/andou* fumando.  
b. Pedro *anda/andou* escrevendo um soneto.  
c. \*Pedro *anda/andou* sendo alto.  
d. Pedro <sup>#</sup>*anda/*<sup>OK</sup>*andou* matando um passarinho.

---

<sup>9</sup> Um parecerista anônimo desta revista questionou a ocorrência “real” de sentenças como (13d) em PB. Na perspectiva que adotamos, a questão a ser discutida é a *possibilidade* de ocorrência de um fenômeno numa dada língua, ou seja, a competência dos falantes em produzir uma sentença que seja interpretável naquela língua. Ainda assim, encontramos casos “reais” semelhantes a esse, tais como:

No Twitter: a polícia do Obama, aquela que **andou matando um negro** desarmado e provocando uma onda de protestos no país? (Disponível em < <https://twitter.com/davimrodrigues/status/501906890327339009>>. Acesso em 16 jun. 2015. Grifo nosso)

Em jornal: Recuperação: Ex-secretário da Habitação de Joinville, empresário Ivandro de Souza, está caminhando mais devagar. **Andou quebrando** um dos pés. (Disponível em < <http://www1.an.com.br/2004/jan/23/0alc.htm>>. Acesso em 16 jun. 2015. Grifo nosso)

Se, de um lado, as sentenças com atividades (13a) e *accomplishments* (13b) são perfeitamente gramaticais, aquelas com estados (13c) são inaceitáveis, enquanto as sentenças com *achievements* (13d) são boas apenas no passado, mas não no presente. Nesse ponto, é preciso dizer que a restrição não decorre do verbo *andar*, em si, já que a sentença no presente, sem o auxiliar (*#Pedro mata um passarinho*), também precisa de um contexto de repetição, o que poderia ocorrer com o acréscimo de uma expressão como *por dia*. Tal acréscimo permitiria que (13d) fosse aceitável também no presente, com ou sem o verbo *andar*.

Da mesma forma, se houvesse uma mudança no argumento interno, a sentença também poderia ser aceitável. Como observado na literatura (ver ROTHSTEIN, 2004; WACHOWICZ, 2008; BERTUCCI; LUNGUINHO; PARAGUASSU, 2010, entre outros), os argumentos internos têm um papel importante na composição da estrutura aspectual das sentenças. Sintagmas verbais cujo núcleo é um verbo *achievement*, com sentido de pontualidade, podem ter leitura de atividades, caso seus argumentos internos sejam nus ou plurais. Por isso, as sentenças em (14), que são uma reformulação de (13d), com as condições acima citadas, são completamente aceitáveis em PB:

- (14) a. Pedro *anda/andou* matando passarinho.  
 b. Pedro *anda/andou* matando passarinhos.  
 c. Pedro *anda/andou* matando uns passarinhos.

Em (14a), o complemento de *matar*, *achievement*, é o singular nu *passarinho*; em (14b), é o plural nu *passarinhos* e, em (14c), é o indefinido plural *uns passarinhos*. Com esses argumentos, o VP cujo núcleo é *matar* pode ser selecionado por *andar*, ao contrário do que tínhamos visto em (13d). Aliás, sem *andar* as sentenças em (14) seriam igualmente aceitáveis, o que indica que *andar* não influencia na aceitabilidade dessas sentenças.

Considerando as questões sobre aspecto discutidas acima, precisamos verificar até que ponto a noção de iteratividade pode ser atribuída às construções com *andar*, ou se ela advém de outros elementos na sentença.

## Iteratividade

Na literatura, é comum a inserção da perífrase com *andar* no rol daquelas que expressam o aspecto iterativo ou durativo, que seriam subtipos do imperfectivo (CASTILHO, 1967; TRAVAGLIA, 2006, CAVALLI, 2008). Tais autores seguem as primeiras ideias apresentadas na seção anterior sobre aspecto, defendendo que tais perífrases expressariam imperfectividade porque o evento seria descrito como estando “em andamento”, e expressariam iteratividade porque o evento se repetiria ao longo do tempo.

Castilho (1967) insere *andar*+GER na classe daquelas que expressam o “aspecto iterativo”, que exprime duração, sendo um subtipo do aspecto imperfectivo. Para o autor (1967, p. 94), *andar*+GER indicaria uma “repetição não habitual”. Travaglia (2006) também insere *andar*+GER no rol das perífrases iterativas, afirmando que tal perífrase marcaria o aspecto iterativo com todas as flexões verbais.

Concordamos que a ideia de repetição aparece, sim, em muitos casos com essa perífrase (15), embora possa existir uma noção de continuidade (e não de iteração) em outros, como em (16), e até mesmo a não repetição (17).

- (15) a. João anda reclamando da Maria.  
b. João anda matando passarinho.
- (16) a. João anda pensando em deixar o emprego.  
b. João anda trabalhando na oficina.
- (17) a. A raposa andou matando uma galinha.  
b. João andou jogando bola.

Os dados nos mostram que a iteratividade está presente em (15), sendo praticamente descartada uma leitura de um evento único de João reclamar da Maria ou de João matar passarinho. Nesses casos, no entanto, o que parece contribuir para a leitura de iteratividade é o presente do indicativo aliado ao tipo de predicado que segue *andar*. Em (16), há uma leitura de continuidade

do mesmo evento (duração) e não propriamente de iteratividade, também disparada pelo presente do indicativo e pelo tipo de predicado que segue *andar*. Finalmente, a sentença em (17a) não tem leitura de repetição, porque a raposa não pode matar a mesma galinha mais de uma vez; já a sentença em (17b) não precisa ter leitura de repetição, porque podemos estar tratando de um único evento de João jogar bola.

Sendo assim, percebemos que se torna um problema para a análise de Travaglia (2006) defender que “a perífrase marcar o aspecto iterativo com todas as flexões verbais”, porque, no caso do pretérito perfeito, a iteração não é obrigatória, tal como se vê em (17), acima. Do mesmo modo, Cavalli (2008) insere *andar*+GER na lista das perífrases durativas contínuas, entendidas como aquelas que “marcam a duração de um evento em um intervalo de tempo. Esse evento tem duração de forma contínua no tempo ou se repete indefinidamente nesse intervalo” (CAVALLI, 2008, p. 90). O que a autora defende ao longo do seu trabalho é que essa noção de duração de um evento num dado intervalo de tempo é resultado da imperfectividade expressa por tal perífrase, sendo essencial que o chamado verbo auxiliar esteja no presente do indicativo e o chamado verbo pleno, no gerúndio. Só assim a noção de duração seria garantida por tais perífrases nas sentenças em que se encontram (CAVALLI, 2008).

Laca (2006), trabalhando sobre algumas questões envolvendo indefinidos, quantificados e pluracionais, mostra que, em espanhol, o verbo *andar* ‘andar’ é um operador pluracional em sentenças como (18).

- (18) El zorro anduvo matando gallinas.  
 ‘A raposa andou matando galinhas’

*Andar* em (18) tem a função multiplicar (distribuir) os eventos de matar galinhas, e o resultado é que temos mais de um evento de matar galinha. Laca (2006) argumenta que para obter a leitura distributiva em sentenças como

(18), nós precisamos de um SN distribuível: ele precisa ser cumulativo e, ao mesmo tempo, precisa ser composto de entidades singulares (os átomos precisam ser acessíveis).<sup>10</sup> Em (18), *galinhas* é um SN distribuível porque é cumulativo e é composto de entidades singulares – cada galinha é uma entidade singular. Por outro lado, um SN singular não é distribuível, porque não é cumulativo. Logo, não aparece em casos com *andar* (19).

(19) ??El zorro anduvo matando una gallina.

‘A raposa andou matando uma galinha’

Aplicando tais fatos às análises anteriores, poderíamos concluir que, nas pesquisas de Castilho (1967), Travaglia (2006) e Cavalli (2008), *andar* em PB teria o mesmo significado frequentativo do espanhol (CAVALLI, 2008). Por isso, poderíamos dizer que ele também seria um operador pluracional e operaria sobre uma eventualidade cujo SN complemento seja distribuível. Aliás, é essa a conclusão a que chega Bertucci (2012), olhando para perífrases tomadas como de caráter durativo, como *andar*+GER, *ficar*+GER e *viver*+GER. Para o autor, os verbos que encabeçam essas perífrases são operadores pluracionais, como *andar* em espanhol, havendo uma distribuição de eventos realizada por eles nos contextos em que aparecem como auxiliares (BERTUCCI, 2012).

No entanto, como temos visto, casos como *João andou jogando bola* ou *A raposa andou matando uma galinha* são perfeitamente aceitáveis em PB. Tais fatos colocariam por terra as análises desses autores, porque tais sentenças não cumprem as exigências de pluracionalidade ou frequência apontadas por Laca (2006) para os casos em espanhol. Por isso, podemos dizer que o sentido produzido pela perífrase *andar*+GER em espanhol tende a ser diferente daquele produzido por sua correspondente em PB.

---

<sup>10</sup> Ter átomos acessíveis significa que podemos identificar os indivíduos que compõem o SN. Isso acontece com os SNs como *galinha/galinhas*, mas não com *água*, que é cumulativo, mas não têm átomos acessíveis.

Considerando as análises dos autores acima, percebemos que a questão de iteração com a perífrase *andar*+GER é bastante complexa e precisaria ser cuidadosamente analisada. Primeiro, porque o argumento interno parece ter papel decisivo na possibilidade ou não de iteração de um evento, conforme a comparação estabelecida entre *matar passarinho/passarinhos/ um passarinho/ uns passarinhos*, na seção 1.2. Depois, enquanto Travaglia (2006) afirma que *andar*+GER expressa iteração em todas as flexões verbais, Cavalli (2008) argumenta que a repetição só ocorre se o verbo *andar* estiver no presente (e o principal no gerúndio).

Vale dizer ainda que, além dos problemas enfrentados pelas análises precedentes a respeito do verbo *andar* em PB, vemos que as propostas se configuram apenas para a perífrase, como se, nos casos em que é seguido por adjetivo, a contribuição de *andar* para o sentido da sentença fosse outro, como se vê em *João anda/andou triste* (1c), no início. Nossa questão aqui é, portanto: por que não unificar a análise sobre a contribuição de *andar* para a produção de sentido da sentença, ao invés de defender que os sentidos variam, conforme o tempo ou o aspecto da perífrase? Por isso, nossa tentativa será para atingir tal uniformidade de análise, atribuindo os sentidos específicos a outros elementos da sentença, como o tempo/aspecto ou o tipo de predicado.

Com isso, concluímos essa seção afirmando que, em sentenças com *andar*, a iteração não é obrigatória e os casos nos quais o verbo *andar* aparece no pretérito perfeito, parecem mostrar isso. Nesse caso, é preciso levar em conta, além do argumento interno (11a), a exigência contextual para repetição, que pode não ser necessária (11b). Em segundo lugar, ao contrário do que afirma Cavalli (2008), não é apenas quando *andar* está no presente do indicativo que a perífrase tem leitura iterativa; em contextos com o pretérito perfeito ou imperfeito também pode haver leituras de iteração, como mostramos aqui. Finalmente, os casos em que há uma duração/repetição necessária parecem ser mesmo aqueles em que o auxiliar aparece no presente do indicativo. Por isso,

defendemos que é exatamente o presente que indica a duração, já que esse tempo/aspecto em PB é inerentemente durativo. É hora, então, de traçarmos uma análise alternativa às atuais a respeito da contribuição que *andar* oferece para o sentido da sentença.

## A contribuição de *andar* para o sentido da sentença

Nesta seção, vamos propor uma análise para o verbo *andar* como auxiliar ou cópula, apresentando uma hipótese para a contribuição que ele oferece para o sentido da sentença. Aqui, assumiremos que esse verbo trata da relação aspectual entre o momento de evento (ME) e o momento de referência (MR).

Neste trabalho, assumimos que *andar* é um verbo de aspecto gramatical, ou seja, ele está envolvido na relação entre os intervalos de tempo típicos na descrição de uma sentença, como o momento de fala (MF), o momento de evento (ME) e o momento de referência (MR). Defendemos a hipótese de que esse verbo interfere particularmente na relação entre MR e ME e sua função é a de inserir ME em um MR durativo. E de onde viria a noção de MR durativo presente nas sentenças com *andar*?

Para responder a essa questão, precisamos ter em mente que, em sua origem, *andar* é um verbo de atividade. Verbos desse tipo, como visto anteriormente, não possuem uma culminação (*telos*) e por isso são considerados atélicos, sendo essencialmente compostos de subeventos, o que também lhes dá um caráter durativo. É por isso que verbos de atividade, quando associados a MR pontuais, ou geram uma leitura de início, ou geram uma leitura de que o evento estava em curso naquele intervalo de tempo, ao contrário do que ocorre com verbos télicos, que possuem culminação. Vejamos alguns exemplos.

- (20) a. João chega às 10h.  
b. João chegou às 10h.

- (21) a. João anda às 10h.  
 b. João andou às 10h.

No primeiro caso (20), com *chegar*; o MR pontual está associado ao momento em que houve a mudança de estado de João, ou seja, o momento da sua chegada (às 10h). Assim, se uma sentença com verbo télico possui um MR pontual, este indica o exato momento da mudança de estado, sendo, portanto, compatível com a noção aspectual denotada pelo verbo em questão. Por outro lado, quando um verbo de atividade, como *andar*, está associado a um MR pontual (21), a leitura da sentença passa a ser a de início do evento, ou a de que, naquele momento do tempo, o evento estava em curso. Como as atividades não possuem mudança de estado, é preciso que se gere uma leitura alternativa para permitir que sentenças como (21) sejam aceitas pelos falantes de uma língua. Na literatura, a relação entre verbos télicos e atélicos e sua compatibilidade com expressões pontuais e de duração já foi amplamente discutida e não é nossa intenção retomar aqui (VENDLER 1957; DOWTY, 1979; LANDMAN; ROTHSTEIN, 2012a, 2012b, entre outros). No entanto, queremos deixar claro que esse traço durativo característico de verbos de atividade está presente nas sentenças com *andar* em PB, o que contribui para o sentido produzido nas sentenças com esse verbo na língua.

Bem, se *andar* carrega tais características, vamos propor que as sentenças em que esse verbo aparece como cópula ou auxiliar descrevem um evento que está inserido num MR durativo. Daí a impressão de que dele venha a noção de iteratividade nas sentenças em que ocorre. Esta hipótese é justificada pela compatibilidade de *andar* em casos como (22) e pela incompatibilidade desse verbo em casos como (23).

- (22) a. A raposa andou matando galinha por vários meses.  
 b. A raposa anda matando galinha já faz vários meses.  
 c. Ontem à noite, a raposa andou matando galinha.

- (23) a. #No dia 11 de março de 2015, a raposa andou matando galinha.  
b. #Neste exato momento, a raposa anda matando galinha.  
c. #Ontem, às 23h, a raposa andou matando galinha.

Os dados revelam, portanto, que *andar* só é compatível com MRs menos especificados e, ao mesmo tempo, mais durativos (22), o que aponta para uma especificação do sentido atribuído por *andar* na sentença: a de incluir o ME em um MR durativo/não pontual. Como dissemos um pouco acima, essa exigência pode estar na natureza de *andar* que, por ser um verbo de atividade, pode gerar leituras específicas nos casos em que ocorre com MRs pontuais. Reforçamos, portanto, que a exigência de *andar* não é com relação ao tipo de evento denotado pelo predicado da sentença, mas particularmente pelo tipo de MR associado a ME. Essa exigência pode, também, estar ligada a alguma questão pragmática envolvendo *andar*, mas que deixaremos para pesquisas futuras.

Se o que assumimos aqui estiver correto, esperamos algumas consequências para a proposta, entre elas:

- (24) a. sendo o MR durativo, ME pode durar o mesmo que MR ou ser menor que este;  
b. a culminância ou completamento da ação pode (ou não) ocorrer;  
c. duração e/ou iteratividade não são acarretamentos das sentenças com *andar*.

A consequência apontada em (24a) indica que, se o papel de *andar* é inserir o ME em um MR, igual ou menor, as sentenças com esse verbo serão bem formadas com o perfectivo ou com o imperfectivo, mas não com o prospectivo (e, aqui, inclua-se o futuro) ou com o retrospectivo. Isso ocorre porque o ME não pode suceder ou preceder o MR, o que é requisito dos aspectos prospectivo e retrospectivo, respectivamente. Veja que tanto isso é verdade que sentenças com o verbo *ir* que indica aspecto prospectivo (LACA, 2002, 2004) não são aceitáveis com *andar* (25a); sentenças no futuro, também não (25b); além disso, também não são aceitáveis com *acabar de*, que em PB

indica o aspecto retrospectivo (26). Já as sentenças com eventos pontuais só são aceitas se a leitura for a de que ME se estende num intervalo anterior ou posterior à culminação, o que geralmente é indicado por expressões específicas, como *antes de* (27a) ou *depois de* (27b).

- (25) a. #O João ia andar ligando pra Maria.  
 b. #O João vai andar ligando pra Maria.
- (26) a. #O João acaba de andar ligando pra Maria.  
 b. #O João acabou de andar ligando pra Maria.
- (27) a. Antes de Maria partir, o João andou ligando pra ela.  
 b. Depois de Maria partir, o João andou ligando pra ela.

Como se vê acima, tanto o prospectivo (e o futuro) quanto o retrospectivo não são aceitos em sentenças com *andar* (a não ser com a leitura de *andar* como verbo pleno e, portanto, de deslocamento). Já com MRs compostos por eventos pontuais, como *partir*, é possível que as sentenças com *andar* sejam aceitáveis, desde que o MR seja durativo e contenha o ME, como se vê em (28c-d).

As consequências em (24b-c) chocam-se com as conclusões vistas na literatura. Como já mostramos, Cavalli (2008, p. 102) atribui a marcação da leitura durativa ao “uso do auxiliar no presente do indicativo juntamente com a flexão de gerúndio”. Assim, a perífrase estaria relacionada a uma “leitura imperfectiva, não marcando inerentemente a culminação do evento” (CAVALLI, 2008, p. 7). A própria afirmação da autora parece derrubar a hipótese de que a marcação de duração do evento seja dada por *andar*. Como mostra a literatura (VENDLER, 1967; DOWTY, 1979; LANDMAN 2008, entre outros), o presente do indicativo tem leitura de repetição/duração/continuidade (caráter de habitualidade), de modo que a presença ou não de *andar* na sentença não altera essa marcação. Além disso, como já fizemos questão de mostrar neste trabalho, *andar* aparece naturalmente com o aspecto

perfectivo, o que colocaria em xeque a noção de imperfectividade associada ao auxiliar estudado por Cavalli (2008).

Obviamente, a noção de culminância ou completamento não são acarretadas, mas nada impede que sentenças com *andar* possam apresentar um evento que já culminou ou já se completou. A sentença em (28a) é um exemplo típico de culminação e completamento; ao mesmo tempo, não nos parece que o sentido atribuído por *andar* nessa sentença seja muito diferente daquele observado em (28b-c), excetuando-se, claro, informações outras atribuídas pela morfologia ou pela sintaxe, o que justifica a tentativa de uniformidade de análise feita o presente trabalho.

- (28) a. A raposa andou matando uma galinha.  
b. A raposa anda matando galinha.  
c. A raposa anda violenta.

Claramente, a sentença em (28a) descreve um evento que culminou e se completou, já que a sentença só é verdadeira se a raposa de fato matou uma galinha, ou seja, se esse evento se completou e culminou. Por outro lado, as sentenças em (28b-c) deixam em aberto a culminância/completamento do evento de a raposa matar galinha ou ser violenta. Com isso, percebemos que *andar* não interfere no estado de culminância ou de completamento do evento, ao contrário do que conclui Cavalli (2008).

Com essa análise, concluímos que a contribuição de *andar* para o sentido da sentença em que ocorre é justamente de inserir ME em um MR durativo, tanto para os casos em que esse verbo aparece como auxiliar, como para aqueles em que ele é um verbo de cópula. Essa uniformização da análise é importante porque mostra como a língua mantém o significado de um elemento gramatical, em diferentes contextos (excetuando-se, obviamente, o sentido pleno).

## Conclusão

Neste trabalho, defendemos a inclusão de *andar* como verbo de aspecto gramatical, que insere o momento de evento (ME) no momento de referência (MR), que é durativo. Dessa forma, atribuímos as noções de duração (ou não) do evento em si também a outros elementos da sentença. Ao contrário do que defende a literatura (CASTILHO, 1967; TRAVAGLIA, 2006; CAVALLI, 2008), as sentenças com esse verbo não descrevem apenas eventos no aspecto imperfectivo, nem expressam iteração. Com isso, chegamos a outras conclusões importantes para as descrições a serem realizadas com *andar*.

Em **primeiro lugar**, sentenças no presente têm leitura de duração do evento, já que o ME está inserido em MR e, neste caso, MR está relacionado ao próprio aspecto denotado pelo presente. Como o presente do indicativo traz a ideia de continuidade do evento, a noção de duração deve ser atribuída mais ao presente que a *andar*.<sup>11</sup>

Em segundo lugar, sentenças no passado simples (aspecto perfectivo) não precisam acarretar leitura de duração, apenas certa duração de MR. Assim, no passado simples (aspecto perfectivo), não é preciso haver uma duração de ME (29), apenas de MR (22). Quanto menos especificado for o MR, mais aceita é a sentença (31-32), porque, nesse caso, a noção de duração parece superar a de pontualidade.

- (29) a. João andou matando um passarinho.  
 b. João andou trabalhando na oficina.  
 c. João andou triste
- (30) a. \*/??Ontem, às 10h20min35s, João andou matando um passarinho.  
 b. ??Ontem, das 10h ao meio-dia, João andou trabalhando na oficina.

---

<sup>11</sup> O presente só tende a expressar eventos acabados em narração, como “Messi domina, chuta e marca o gol!”.

- (31) a. Ontem, João andou matando um passarinho.  
b. Ontem, João andou trabalhando na oficina.  
c. \*/??Ontem, João andou triste.
- (32) a. Na infância, João andou matando um passarinho.  
b. Ano passado, João andou trabalhando na oficina.  
c. Ano passado, João andou triste.

O que salta aos olhos é justamente o fato de o MR, nos casos em (31a-b) e (32), não ter um grau de especificação, sendo durativo/não pontual; além disso, cada MR tem também uma duração que permite ao evento expresso pelo complemento de *andar* ocorrer em qualquer instante desse período. Em outras palavras, ainda que sentenças como (31a) ou (32a) denotem eventos singulares, não iterativos, o MR relacionados ao ME dessas sentenças não é um ponto específico, mas um período que dura algum tempo.

Outra observação importante é que os estados denotados pelas sentenças com *andar* como verbo de cópula parecem requerer um período mais extenso ainda para o MR. Como estados são por natureza durativos e *andar* acrescenta a necessidade de um MR com essa característica, sentenças como (31c) não são aceitas, ao contrário do que se vêem em (32c).

Em quarto lugar, ao utilizar uma sentença com *andar*, o falante demonstra um desconhecimento da exatidão de MR (ou não quer se comprometer com tal exatidão). Intuitivamente, essa conclusão parece bastante pertinente às sentenças com *andar* aqui discutidas. Entretanto, essa hipótese é, antes de tudo, um fato que precisa ser estudado com mais cuidado e que deixaremos para outras pesquisas.

Acreditamos ter contribuído para fortalecer a descrição e análise de *andar* em PB e, por consequência, ao estudo dos verbos auxiliares, bem como para os modos de expressão de aspecto nessa língua.

**Agradecimentos:** Agradecemos aos ouvintes do IX Congresso da ABRALIN pelos comentários sobre uma primeira versão deste texto, em especial, à Ana Paula Quadros Gomes, pelas reflexões que sugeriram algumas conclusões neste trabalho. Agradecemos ainda aos dois pareceristas anônimos desta revista pelas contribuições na versão anterior.

BERTUCCI, Roberlei. The meaning triggered by the copula/auxiliary verb *andar* ‘to walk’ in Brazilian Portuguese. **Revista do Gel**, v. 12, n. 1, p. 139-167, 2015.

**ABSTRACT:** *This paper aims to analyze the semantic contribution of the verb andar (literally to walk) to the meaning of sentences, in copula and auxiliary environments. Based on the way natural languages express time and aspect, we try to assign to andar the role of a grammatical aspect verb that relates the reference time to the event time in a sentence. Here, we assume that andar requires a durative reference time, unlike some researches who have concluded that this verb assigns a durative/iterative meaning to the event. However, as we intend to show in this paper, sentences like A raposa andou matando uma galinha, that can be translated as ‘The fox andar has killed a hen’, are acceptable in Brazilian Portuguese, without a durative/iterative meaning. Therefore, we argue that the duration is related to the reference time, rather than to the event itself.*

**KEYWORDS:** *Verbal aspect. Auxiliary verbs. Durativity. Iterativity.*

## Referências

BERTUCCI, R. Eventualidades e nominais nus: da estrutura à operação aspectual. In: OLIVEIRA, R. P. de; MEZARI, M. P. (Org.). **Nominais nus: um olhar através das línguas**. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 121-148.

\_\_\_\_\_. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BERTUCCI, R.; LUNGUINHO, M. V.; PARAGUASSU, N. Bare plurals

and achievements verbs: a case study of aspectual verbs. **Journal of Portuguese Linguistics**. v. 9, n. 1, p. 117-137, 2010.

CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M. B.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). **Gramática do português falado**. v. 8. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 83-121.

\_\_\_\_\_. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, v. 12, p. 7-135, 1967.

CAVALLI, S. **Perífrases durativas do português brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1979.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto; Educ, 1997.

KLEIN, W. **Time in language**. London: Routledge, 1994.

LACA, B. Spanish ‘aspectual’ periphrases: Ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect. In: GUTIÉRREZ-REXACH, J. (Ed.). **From words to discourse: trends in Spanish semantics and pragmatics**. Oxford: Elsevier, 2002. p. 61-93.

\_\_\_\_\_. Romance ‘aspectual’ periphrases: eventuality modification versus ‘syntactic’ aspect. In: LECARME, J.; GUÉRON, J. (Ed.). **The Syntax of Time**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2004. p. 425-440.

\_\_\_\_\_. Indefinites, quantifiers, and pluractionals: what scope effects tell us about events pluralities. In: VOGELEER, S.; TASMOWSKI, L. (Ed.). **Non-definiteness and plurality**. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2006.

LANDMAN, F. 1066: differences between tense-perspective-aspect systems of English and Dutch. In: ROTHSTEIN, S. (Ed.) **Theoretical and crosslinguistic approaches to the semantics of aspect**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 107-166.

LANDMAN, F.; ROTHSTEIN, S. The felicity of aspectual for-phrases – part 1: homogeneity. **Language and Linguistics Compass**, v. 6, n. 2, p. 85-96, 2012a.

\_\_\_\_\_. The felicity of aspectual for-phrases – part 2: incremental homogeneity. **Language and Linguistics Compass**, v. 6, n. 2, p. 97-112, 2012b.

LONGO, B.; CAMPOS, O. de S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (Org.). **Gramática do Português Falado**. v. VIII, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. p. 445-477.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.

REICHENBACH, Hans. **Elements of symbolic logic**. New York: The MacMillan Company, 1947.

ROTHSTEIN, S. **Structuring Events**. Oxford: Blackwell, 2004.

SMITH, C. **The parameter of Aspect**. 2. ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 4. ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

VENDLER, Z. Verbs and times. **Philosophical Review**, n. 56, p. 143-160, 1957.

\_\_\_\_\_. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

WACHOWICZ, T. Telicidade e classes aspectuais. **Revista do Gel**, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008.

WACHOWICZ, T. C.; FOLTRAN, M. J. G. D. Sobre a noção de aspecto. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Unicamp, v. 48, p. 211-232, 2006.